

OCORRÊNCIA DE ANAPLASMA SPP. EM CANINOS ORIUNDOS DE ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL - CAPÃO DO LEÃO/RS

Maysa Seibert de Leão ¹

Tainá Ança Evaristo Mendes Cardoso ²

Julia Somavilla Lignon ³

Tatiana de Ávila Antunes ⁴

Felipe Geraldo Pappen ⁵

Diego Moscarelli Pinto ⁶

Resumo:

A anaplasmosse é uma doença parasitária que infecta várias espécies de animais e humanos, causada pela bactéria *Anaplasma* spp. A anaplasmosse canina tem como agente etiológico o *Anaplasma platys*, que é responsável por casos de trombocitopenia e parasitemia das plaquetas em cães. O vetor de *Anaplasma platys* é o carrapato *Rhipicephalus sanguineus*, também conhecido como "carrapato marrom do cão". Os sinais clínicos da anaplasmosse não são específicos são de difícil diagnóstico, necessitando exames complementares, podendo variar de acordo com a severidade da infecção, a resposta imunológica do hospedeiros e os órgãos atingidos. O objetivo do presente trabalho foi verificar a ocorrência de *Anaplasma* spp. em amostras de sangue de 50 caninos de uma instituição não governamental - ONG, situada no município de Capão do Leão - Rio Grande do Sul, Brasil. Foram coletadas amostras de sangue de 50 cães, em uma Instituição não governamental - ONG, do município de Capão do Leão - Rio Grande do Sul, Brasil. As amostras foram coletadas através de triagem clínica e depositadas em tubos contendo EDTA; logo após, foram armazenadas em recipientes isotérmicos com gelo retornável, para manter a integridade das mesmas. Posteriormente foram encaminhadas ao laboratório do Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP), da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, onde foram submetidas à realização do exame parasitológico de sangue, utilizando-se a técnica de esfregaço sanguíneo. Do total de 50 amostras coletadas de cães, quatro foram positivas para *Anaplasma* spp, obtendo-se uma prevalência de 8%, sendo um valor significativo, tendo em vista o fato de fácil disseminação da doença e condições habitacionais dos animais infectados, que estavam expostos a ambiente com carrapatos, principais vetores de *Anaplasma* spp. A melhor maneira de prevenir a anaplasmosse em caninos é fazendo controle de carrapatos, através de boas práticas de higiene e uso de inseticidas, uma vez que esse parasita passa a maior parte do seu ciclo de vida no ambiente. Conclui-se com o presente estudo que há um valor significativo de *Anaplasma* spp. em caninos na Instituição não Governamental - ONG, no município de Capão do Leão, Rio Grande do Sul. e é importante realizar exames parasitológicos de sangue e adotar medidas preventivas, tendo em vista o fato de que é uma doença parasitária de grande importância na Medicina Veterinária.

Palavras-chave: Anaplasmosse, esfregaço sanguíneo, parasito, cães,

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

**OCORRÊNCIA DE ANAPLASMA SPP. EM CANINOS ORIUNDOS DE ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL -
CAPÃO DO LEÃO/RS**

¹ Aluno de graduação. dehseibert@gmail.com. Autor principal

² Graduação Medicina Veterinária. evaristo.medvei@gmail.com. Co-autor

³ Graduanda Medicina Veterinária. julialignon@gmail.com. Co-autor

⁴ Residente em doenças e zoonoses parasitárias . tatianadeavilaantunes76@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. felipepappen@gmail.com. Co-autor

⁶ Docente. dimoscarelli@yahoo.com.br. Orientador

OCORRÊNCIA DE *ANAPLASMA* SPP. EM CANINOS ORIUNDOS DE ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL - CAPÃO DO LEÃO/RS

1 INTRODUÇÃO

A anaplasmosose é uma doença parasitária que infecta várias espécies de animais e humanos, causada pela bactéria *Anaplasma* spp. A anaplasmosose canina, também conhecida como “trombocitopenia cíclica canina”, tem como agente etiológico o *Anaplasma platys*, que é responsável por casos de trombocitopenia e parasitemia das plaquetas em cães. (BAKER et al., 1987; DUMLER et al., 1995; HARRUS et al., 1997; FERREIRA et al., 2008). O vetor de *Anaplasma platys* é o carrapato *Rhipicephalus sanguineus*, também conhecido como “carrapato marrom do cão”. (RIKIHISA, 1991).

Os cães infectados desenvolvem trombocitopenia cíclica, com uma ou duas semanas de periodicidade, que ocorre simultaneamente com a parasitemia, sendo que um grande número de plaquetas são parasitadas. Alguns dias após a infecção há a diminuição drástica de plaquetas e o agente causador desaparece da circulação. A parasitemia e trombocitopenia subsequentes tendem a ocorrer periodicamente em intervalos de uma a duas semanas, e a trombocitopenia pode continuar severa ou diminuir de intensidade. (SOUZA et al., 2004; HARVEY et al., 2006; GASPARNI et al., 2008).

Os sinais clínicos da anaplasmosose não são específicos são de difícil diagnóstico, necessitando exames complementares, podendo variar de acordo com a severidade da infecção, a resposta imunológica do hospedeiro, os órgãos atingidos e a presença de co-infecção com outros microrganismos transmitidos pelo mesmo vetor. (BAKER et al., 1987; DUMLER et al., 1995; HARRUS et al., 1997; FERREIRA et al., 2008). Os sinais comumente observados em animais infectados começam em um período de oito a 15 dias e são apatia, anorexia, perda de peso e depressão (DAWSON, 1991).

Em casos de alta parasitemia, pode ocorrer extravasamento de sangue pelos orifícios naturais, bem como olhos, pequenas marcações petequiais em mucosas (como orais), além de aumentar o risco destes animais em procedimento cirúrgicos, levando em consideração que o tempo de coagulação aumenta, dificultando a hemostasia em transoperatório e trazendo grandes complicações para o animal. (DAWSON et al., 1991; DAGNONE, 2002).

O objetivo do presente trabalho foi verificar a ocorrência de *Anaplasma* spp. em amostras de sangue de 50 caninos de uma instituição não governamental - ONG, situada no município de Capão do Leão – Rio Grande do Sul, Brasil.

2 METODOLOGIA

Foram coletadas amostras de sangue de 50 cães, em uma Instituição não governamental – ONG, do município de Capão do Leão – Rio Grande do Sul, Brasil. As amostras foram coletadas através de triagem clínica e depositadas em tubos contendo EDTA; logo após, foram armazenadas em recipientes isotérmicos com gelo retornável, para manter a integridade das mesmas. Posteriormente foram encaminhadas ao laboratório do Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP), da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, onde foram submetidas à realização do exame parasitológico de sangue, utilizando-se a técnica de esfregaço sanguíneo. Esta técnica consiste na extensão de uma fina camada de sangue sobre uma lâmina de microscopia, e preparadas com panótico rápido, que

baseia-se no princípio de coloração hematológica no qual a lâmina é submetida a ação de um fixador e duas soluções corantes, por meio de imersões de cinco segundos em cada. A leitura das lâminas foi realizada em microscópio óptico em aumento de imersão 100x.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Do total de 50 amostras coletadas de cães, quatro foram positivas para *Anaplasma* spp, obtendo-se uma prevalência de 8%, sendo um valor significativo, tendo em vista o fato de fácil disseminação da doença e condições habitacionais dos animais infectados, que estavam expostos a ambiente com carrapatos, principais vetores de *Anaplasma* spp.

Os resultados obtidos foram próximos aos encontrados por Wei et. al. (2015) na Costa Rica, que verificou a presença de *A. platys* em 7,5% nos animais testados, utilizando 40 cães por meio do diagnóstico por PCR.

O fato dos cães se encontrarem em canis com pouco espaço, onde ficam aglomerados entre 10 a 20 cães por local, explica a prevalência de *Anaplasma* spp. nas amostras sanguíneas, pois o grande número de animais aumenta as chances de infestações de carrapatos, que são os transmissores dessa bactéria.

A localização intraplaquetária do *A. platys* é um fator limitante na eficácia da terapia antibacteriana, dificultando muitas vezes a erradicação deste patógeno do hospedeiro infectado. O tratamento dos animais infectados é feito com antibioticoterapia de amplo espectro, que seja utilizado para tratar e eliminar agentes intracelulares, como a doxiciclina, 5 a 10mg/kg, uma a duas vezes por dia, durante pelo menos sete dias. (DAWSON et al., 1991; DAGNONE et al., 2002).

A melhor maneira de prevenir a anaplasmosse em caninos é fazendo controle de carrapatos, através de boas práticas de higiene, como uso de xampus e sabonetes nos animais e saneamento básico, como limpeza dos canis e uso de inseticidas, uma vez que esse parasita passa a maior parte do seu ciclo de vida no ambiente e, quando ingerem sangue do hospedeiro infectado, o carrapato passa a ser contaminado por *Anaplasma* spp. (LABRUNA E PEREIRA, 2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com o presente estudo que há um valor significativo de *Anaplasma* spp. em caninos na Instituição não Governamental – ONG, no município de Capão do Leão, Rio Grande do Sul. O diagnóstico de anaplasmosse vem aumentando nos últimos anos e é importante realizar exames parasitológicos de sangue e adotar medidas preventivas, para reduzir a infestação por parasitos transmissores dessa bactéria e consequentemente reduzir a prevalência de anaplasmosse em caninos, tendo em vista o fato de que é uma doença parasitária de grande importância na Medicina Veterinária e pode trazer grandes riscos à saúde animal, principalmente quando não diagnosticada precocemente, dificultando o tratamento adequado.

REFERÊNCIAS

BAKER, D. C.; SIMPSON, M.; GAUNT, S. D. Acute Ehrlichia platys infection in the dog. *Vetherinary Pathology*, v. 24, p. 449-453, 1987.

CHANG W.L. & PAN M.J. Specific amplification of Ehrlichia platys DNA from blood specimen by two-step PCR. **Journal of Clinical Microbiology**. 34: 3142-3146, 1986.

DAGNONE, A. S. Soroepidemiologia e avaliação citológica e molecular da infecção por Ehrlichia sp em cães de uma população hospitalar. **Dissertação (Mestrado em Sanidade Animal) Universidade Estadual de Londrina**, 131p., 2002.

DAWSON, J. E.; ANDERSON, B. E.; FISBEIN, D. B.; SANCHEZ, J. L.; GOLDSMITH, C. S.; WILSON, K. H.; DUNTLEY, C. W. Isolation and Characterization of an Ehrlichia sp. from a patient diagnosed with human Ehrlichiosis. **Journal of Clinical Microbiology**, v. 29, n. 12, p. 2741-2745, 1991.

LABRUNA, M.B.; PEREIRA, M.C. Carrapato em cães no Brasil. **Clínica Veterinária**, ano 6, n. 30, p. 24-32, 2001.

RIKIHISA Y. The tribe Ehrlichiae and ehrlichial diseases. **Clinical Microbiology Review**. 4: 286-308, 1991.

WEI, L.; KELLY, P.; ACKERSON, K., EL-MAHALLAWY, H. S.; KALTENBOECK, B.; WANGI, C. Molecular detection of Dirofilaria immitis, Hepatozoon canis, Babesia spp., Anaplasma platys and Ehrlichia canis in dogs on Costa Rica. **Acta Parasitologica**, Costa Rica, v. 60, n. 1, p. 21–25, 2015.